

## Os efeitos dos nomes próprios em histórias inventadas

Eduardo Calil e Maria Hozanete Lima\*

**EDIPUCRS – Coleção Memória das Letras**

5-DEL PINO, Dino  
**SEMIÓTICA: olhares.**  
 2000, 204p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS  
 Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
 Caixa Postal 1429  
 90619-900 - Porto Alegre – RS/BRASIL  
[www.pucrs.br/edipucrs/](http://www.pucrs.br/edipucrs/)  
 E-mail [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br)  
 Fone/Fax: (51) 3320.3523

"Pois existem multiplicidades que se fundam em outras. Algumas delas, assim, não são nada baseadas sobre o princípio de uma propriedade representável, mas inteiramente no significante que os nomeia como multiplicidades. Aquelas, conseqüentemente, não saberiam preexistir ao próprio proferimento do significante; a propriedade se resume à nomeação que fazemos dela e o sujeito não a recebe senão no instante em que se diz a ligação. Se então queremos falar de classe, devemos acrescentar que ela reúne somente de maneira incessantemente movediça, sendo constantemente afetada pelos ditos proferidos. Estes ditos mesmos podem se assemelhar a uma atribuição, mas no caso é pura homonímia: é o caso das proferições insultantes, nas quais, no instante em que ele é por elas nomeado, e nessa mesma medida, um sujeito se encontra suportando o nome que lhe foi endereçado: 'porco', 'lixo', 'dejeito'. Sabemos que o sujeito se encontra então convocado a levar um nome cujo conteúdo de propriedades se resume à *única proferição*." (Milner, 1983, p. 107, 108. Tradução George Lagibre e Eduardo Calil. Grifo nosso).

Abrimos esta discussão em torno do nome próprio em histórias inventadas convocando um outro nome próprio: Milner. Começar um texto por uma epígrafe/citação talvez não seja a melhor forma de dizermos o que pretendemos discutir nas linhas que se seguem, mas pode já antecipar para o leitor, além do título, é claro, o ponto de vista que estamos a assumir. Este fragmento do texto de Milner, entre vários outros que também poderiam ter sido destacados, foi retirado do livro "As palavras indistintas" e traz pelo menos duas questões que procuraremos desenvolver aqui, dentro do espaço que este texto impõe.<sup>1</sup> A primeira refere-se à natureza

\* UFAL – Universidade Federal de Alagoas.

<sup>1</sup> Queremos dizer com isto que estas questões demandam, seguramente, uma discussão *muito* mais longa e cautelosa. Aqui, provisoriamente, colocaremos e desenvolveremos alguns pontos de reflexão levantados por trabalhos anteriores (Calil, 1998; Calil, 1999a; Calil e Nagamine, 1999).

dos nomes próprios presentes em histórias inventadas escritas por alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental e a segunda convida a homonímia como um lugar lingüístico para discutir os processos de criação af postos em funcionamento.

Sobre a segunda já havíamos iniciado uma teorização (Calil, no prelo – texto Abralim, Calil e Nagamine, 1999) em que o estatuto desta noção para os estudos em aquisição de linguagem estaria ligado não só a uma identidade fônica (homofonia) e/ou gráfica (homografia), como as gramáticas concebem, mas também a outros dois fatores constitutivos da homonímia, a saber, a posição que ocupa na cadeia sintagmática e o reconhecimento destas relações de semelhança e/ou diferença por parte de quem a escuta na sua proferição. É neste sentido que podemos dizer que significantes como “molhado”, “melado”, “mulamba”, “abigobaldo”, “fim”, “fina”, “chocolate”, “todinho”, “sabor”, “saborosa”, dentre quaisquer outros, podem irromper na cadeia como nomes próprios, trazendo consigo um efeito homonímico.

É fundamental dizer que este efeito não se garante pela mera semelhança de termos, pois uma vez estabilizadas suas relações de diferença parece que surge uma certa opacidade do próprio efeito homonímico. Dizendo de outro modo, termos como “manga”, “banco”, “bala”, etc. encontram um lugar cristalizado no funcionamento da língua, que por si só não produzem estranhamento, a não ser postos em desencontros, isto é, em relações de diferença.

Tomando as “proferições insultantes” como lugar para pensar a homonímia e o processo de criação de nomes próprios, iremos mostrar o desenrolar de uma história intitulada “O Rei Cagado”, depois de alguma rasura que não foi possível recuperar. Ela foi escrita em 26/11/1996, por Rodolfo, aluno que naquela época frequentava a 4ª série de uma escola particular de Maceió. Logo no primeiro parágrafo ele apresenta as personagens:

“Era uma vez a história de *Cagado* que tinha como esposa *Mijada* e como filhos *Melado* e *Molhada* e que também toda descendiam da família *Merdinasi*.”

Continua a escrever toda a história amarrado pelo jogo signifiicante:

[...]  
 “– Eu sou virgem? Com essa pergunta chamou *Mijada* para a cama, transaram e daí nasceu *Abestado* o mais bonito considerado pela família. Quando *Cagado* ia sair viu *Mijada* saindo com *Abestado* e quis se separar de sua mulher,

mas *Mijada* depois viu *Cagado* com uma *Sem Merda* que se chamava *Mulamba*.”

[...]  
 “*Abestado* tinha uma mulher que era casada e o esposo de *Bigura* que era a mulher de *Abestado*”

[...]  
 “e *Cagado* ficou com sua *fazenda de Merdas* e também com sua *Sem Merda* a sua amante *Mulamba* e seus filhos *Melado* e *Molhada*”

Estes fragmentos revelam um movimento singular que suporta o texto “O Rei Cagado” e que é essencialmente contemplado pelas pulsação homofônica e correlações assonânticas que dirigem a seqüência de nomes próprios. Esse movimento nos revela ainda muito mais: o sujeito que os produz está submetido pela insistência – dir-se-ia melhor *pressão* – de significantes que se repetem, até quanto aos efeitos de sentido que o próprio nome próprio (com o perdão do pleonasma) traz. Para melhor visualizar isto, acompanhemos no quadro abaixo a seqüência dos nomes de acordo com sua “entrada” na história:

|                     |   |
|---------------------|---|
| Cag ADO             | Nome do pai   |
| M ij ADA            | Nome da mãe   |
| M eL ADO            | Nome do filho   |
| M Olh ADA           | Nome da filha   |
| M ERD INASI         | Sobrenome da família  |
| AB E ST ADO         | Nome do filho caçula  |
| AB O ST ADO         | Nome do amante da mãe   |
| SSem M ERD A        | Sobrenome da amante do pai (?)                                |
| M ULA M BA          | Nome da amante do pai   |
| BIGURA              | Nome da mulher de <i>Abestado</i> , o amante de <i>Mijada</i> |
| FAZENDA DE M ERD AS | Fazenda do pai  |

Os nomes próprios se deslançam em significantes – ou o movimento seria inverso? (ou adjetivos se desmancham em nomes próprios que, por sua vez, cedem a um movimento puramente signifiicante?) – que e(s)coam em todo o texto. É difícil determo-nos apenas num ponto em que esse e(s)coamento se dá, pois ele, ao longo do texto, revela-se plural: homonímico, paranomástico, assonântico, aliterante. Tudo isso anota não mais que um jogo combinatório tecendo o texto e, ao mesmo tempo, amarrando o sujeito. Como se daria então esta tecitura e amarração?



O nome que aparece no título e logo depois no início da história contamina o processo de nomeação que fica sob os efeitos de um universo discursivo escatológico: cagar/cagado, mijar/mijada, bosta/abostado, merda/merdinasi. É sob esse universo que a irrupção dos significantes, a exemplo de "Cagado", "Mijado" e "Abostado", indicia um efeito homonímico responsável pela presença de chiste, e mais, do prazer que é se permitir fazer uso de palavras consideradas "impróprias" para aparecerem em um texto escolar, como se elas não fizessem parte do universo lingüístico do sujeito.

Todavia, o efeito homonímico não é tão linear ou direto quanto possa parecer. Se observarmos no quadro acima, a presença e repetição de ADA e ADO é sintomática e exerce uma força bastante grande sobre a própria possibilidade imaginária de nomeação. Sabemos que esta posição do sufixo nominal ADO/ADA está cristalizada em certas formas de xingamento;<sup>2</sup> e encontra-se latente neste processo de nomeação, como depois fica também marcado em "abestADO" e "abostADO". Apesar de aparentemente "Molhada" e "Melado" não terem a "força" do sentido escatológico de "Cagado" ou "Abostado", eles são contaminados por ela.

Contudo, o que nos indicia a nomeação destes dois personagens vai além deste movimento metonímico; abre-se um outro eixo de equivalência metafórica diferente daquele do "xingamento", através da nomeação da Mãe ("MijaDA"): a letra M não só se fixa no início dos nomes dos filhos, como o D e o A também os compõem, como em "MolhaDA" e "MelADO", marcando uma relação de filiação<sup>3</sup> na medida em que se repetem no final, mas, principalmente, no início do próprio nome.

Indo um pouco mais longe, e ficando meio perplexo com os significantes que insistem no nome da amante do pai, ("mula + mba"?), temos o seguinte quadro:

|   |   |   |   |    |   |   |
|---|---|---|---|----|---|---|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5  | 6 | 7 |
| M | O | L | h | A  | D | A |
| M | U | L | A | M  | B | A |
| M | E | L | A | -- | D | A |

<sup>2</sup> Na análise que Calil (1998) faz do processo de criação de nomeação da personagem mãe dos 3 *rodinhos*, a entrada deste sufixo também interfere na direção da "escolha" do nome final.

<sup>3</sup> Fenômeno semelhante encontramos na história inventada "A família F atrapalhada" analisada por Calil (1998).

Assim, encontramos no processo de nomeação das personagens desta história algo próximo ao que caracteriza o discurso poético, pois o desenrolar da poeticidade efetuada pelo traço assonântico dos significantes M, ADO e ADA, assim como a aliteração de LA em moL(h)Ada, de muLA(m)ba e de meLAda, indiciam uma materialidade presente no funcionamento da língua que faz o texto do início ao fim gravitar em torno da série dos nomes próprios ao mesmo tempo que os nomes lhe escapam. Dessa maneira, algo mais está em jogo, não basta simplesmente nomear, deixar-se levar pelo poder chistoso oferecido pelos nomes, posto que, quando o sujeito pensa estar sob um efeito, na verdade ele já está em outro.

Um bom exemplo disso que escapa fica por conta dos nomes "ABeSTADO" e "ABoSTADO", que, apesar do primeiro ser filho caçula da mãe "Mijada" e o segundo seu amante, trazem na repetição paranomástica dos significantes algo de inusitado. Vejam que, se o primeiro pode ainda ser encontrado em certas proferições insultosas, o segundo é "criado" por Rodolfo. Aqui, ele perde seu estatuto homonímico, mas mantém uma forte aproximação fonética e semântica com o enunciado anterior e com a "metáfora do xingamento" ("BeSTA") e "metáfora escatológica" ("BoSTA"). Assim, parece ser preciso escutar na materialidade da língua que opera através de diferenças e semelhança um ultrapassamento do significante sobre o próprio sujeito: o paralelismo e eco sonoro presentes em "Abestado" e "Abostado" deixam o sujeito a revelar do jogo significante.

Nesta mesma direção, impressionante é o que acontece com a criação do nome de família: "Merdinasi". Novamente deixa de ser homonímico, mas conserva-se numa referência ao escatológico "MERDA", na manutenção da letra "M", juntamente com o acréscimo do sufixo típico de sobrenomes italianos "INASI". Assim, "Merdinasi" está bem assentado na posição de nome comum da família: "Cagado Merdinasi", "Mijada Merdinasi", "Molhada Merdinasi", "Melado Merdinasi" e, finalmente, "Abestado Merdinasi".

Novamente esta impregnação significativa também mostra seu furo na cadeia sintagmática. A marca da rasura que barra o "s" de "sem" e a posição em que aparece

mas Mijada depois viu Cagado com uma *s-Sem Merda* que se chamava Mulamba."

"e Cagado ficou com sua *fazenda de Merdas* e também com sua *Sem Merda*"



nos permite supor aí a presença de outra cadeia latente: "viu Cagado com uma *sem vergonha* que se chamava Mulamba". A quebra da cadeia é produzida pela força acavalada do significante "letra maiúscula" e "merda", ambos insistindo no fluxo das letras e das palavras: Merdinasi, Fazenda de Merdas.

O rasuramento aponta para uma "lei" discursiva que dita serem os nomes próprios iniciados com letras maiúsculas. Sobre esta operação, Calil (1999) atesta que a rasura é exemplar dos movimentos imprevisíveis que testemunham e revelam o funcionamento de um Real na ordem do Simbólico que não cansa de se inscrever, impossível de não se dizer. Neste sentido, o rasuramento, para Calil, estaria indiciando um imprevisível que aponta para a diferença, fato estrutural constitutivo da língua.

O imaginário sentido se sustenta no simbolismo da simetria sonora e do jogo combinatório dos significantes. É assim que, alçados à condição de puro significante, os nomes próprios convocam-se mutuamente, enovelando-se pela homonímia, paranomásia, paralelismo, assonância, aliteração e ressonância, o que faz com que cada unidade constituída, ao mesmo tempo que fecha, abra espaço para outra.

Ora, esse movimento, o deslizamento de um significante de um lugar para outro, representa os limites que encontramos no reconhecimento da semelhança seguido do reconhecimento da diferença indicativos não mais que de uma não-identidade do significante lingüístico que lhe é constitutiva e que se revela, por exemplo, na imprevisibilidade daquelas articulações.

Voltando à citação inicial, se o que Milner chama de "pura homonímia" estiver relacionado à semelhança fônica e/ou gráfica que reveste qualquer significante, na nossa história analisada à homonímia concorrem diversos efeitos como a paranomásia, aliteração, assonância, paralelismo, ressonância, etc.

Como afirma Milner (1983), a homonímia dos nomes é constante, sendo não mais que uma das testemunhas das relações não absolutas, da suspensão e subversão do representável. Disto segue que se há semelhantes, e se eles tem limites, se subvertem e suspendem no instante em que surge um dessemelhante, da mesma forma que se há dessemelhantes, e se eles têm limite, eles se suspendem no instante em que surge um semelhante. A homonímia corrói as representações duais que dão a impressão de completude, de todo, da relação matriz da univocidade, da não dispersão, da sobrevivência: um significante colado a um significado.

Nesse sentido, podemos considerar que há um movimento de desamarração, como nos faz ver Milner (op. cit.), do significante

lingüístico daquele ponto que faz da língua Um todo matematizável, calculável, que abre a língua fazendo dela um lugar de possibilidades outras; possibilidades que se impõem, e operam o equívoco na língua constituída.

Na análise que aventuramos sobre a história "O Rei cagado", vimos que as semelhanças e diferenças (provavelmente conferindo o funcionamento metonímico e metafórico da linguagem, como previu Jakobson, 1999) fizeram o traço indexial do nome próprio se acumular de cargas sígnicas, redimensionando todo o processo e o foco narrativo da história.

Na história inventada "O rei Cagado", a seqüência dos nomes próprios obedece a uma pressão dos significantes advindos dos nomes anteriores (tomando por base a ordem de entrada na história), bem como sobre a pressão dos sentidos que cada nome ia revelando.

Não podemos deixar de perceber que nossa discussão suporta outras questões que o espaço não nos permite abordar.

### Referências bibliográficas

CALIL, Eduardo. *Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas*. Maceió: EDUFAL, 1998.

———. De bumbum a todinho: efeitos da homonímia no processo de criação de histórias. *Boletim da ABRALIN* (1999, a sair).

———. O que produz unidade na produção do erro ortográfico. In: MOURA, Denilda (org.). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: EDUFAL, 1999a.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1999.

MILNER, J. C. *Les noms indistints*. Paris: Seuil, 1983.